

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

S. 2. 03:869.0

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

4



332331 - D

VERBO

NC - x690158468

NB - 562214

*Edição realizada
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

COLABORADORES DO QUARTO VOLUME

- Dra. Isabel Almeida*
Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida
Dra. Eloísa Alvarez
Dra. Lizir Arcanjo Alves
Prof. Doutor José Edilson de Amorim
Dra. Marta Teixeira Anacleto
Prof. Doutor Carlos Ascenso André
Dra. Sara Manuela R. M. Augusto
Prof. Doutor José Carlos de Azeredo
Prof. Doutor Sânzio de Azevedo
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa
Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Prof.^a Doutora Maria Sílvia Betti
Prof.^a Doutora Élvia Bezerra
Prof.^a Doutora Maria Eugénia Boaventura
Dra. Vera Borges
Prof.^a Doutora M.^a Luísa Malato Borralho
Prof.^a Doutora Sónia Brayner
Prof. Doutor João Batista de Brito
Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu
Prof. Doutor Edwaldo Cafezeiro
Prof. Doutor J. A. Segurado e Campos
Dr. João Nuno P. Corrêa Cardoso
Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro
Prof.^a Doutora Vânia Pinheiro Chaves
Dr. João Bigotte Chorão
Prof.^a Doutora Andrea Ciacchi
Dr. Jorge Colaço
Prof.^a Doutora Cristina Robalo Cordeiro
Dr. Joaquim Correia
Leonel Cosme
Dr. António Leite da Costa
Dr. Duarte Ivo Cruz
Prof.^a Doutora Neyde Vieira da Cunha
Prof.^a Doutora Maria Manuela Gouveia Delille
- Prof.^a Doutora Ângela Maria Dias*
Prof. Doutor João Roberto Faria
Prof.^a Doutora Sónia L. Ramalho de Farias
Prof. Doutor António M. Feijó
Prof. Doutor Eucanaã Ferraz
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz
Prof. Doutor Pere Ferré
Dr. José Alberto Ferreira
Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira
Dr. Manuel Ferro
Dr. Albano Figueiredo
Dr. João Figueiredo
Dra. Ana Margarida Fonseca
Dr. Edson Nery da Fonseca
Dra. Maria do Céu Fraga
Prof. Doutor António Cândido Franco
Prof.^a Doutora Carmem Gadelha
Dr. Mário Garcia
Prof. Doutor Armando Gens
Jesué Pinharanda Gomes
Dr. Paulo Jorge Pedrosa Santos Gomes
Prof.^a Doutora Elsa Gonçalves
Prof.^a Doutora Rosa Maria Goulart
Dr. Fernando Guimarães
Prof. Doutor Manuel Gusmão
Prof.^a Doutora Ana Hatherly
Dr. Mário Hélio
Prof. Doutor Lourival Holanda
Prof.^a Doutora Maria António Hörster
Dr. Eduíno de Jesus
Prof.^a Doutora Maria Saraiva de Jesus
Prof. Doutor Nuno Júdice
Prof. Doutor Martin A. Kayman
Dr. Dieter Kremer
Prof.^a Doutora Cristina Mello Laranjeira
Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira
Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal
António Leitão

Prof. Doutor Eugénio Lisboa
Dr. António Apolinário Lourenço
Prof. Doutor Manuel dos Santos
Lourenço
Prof. Doutor Helder Macedo
Dra. Ana Maria Machado
Dr. Ubiratan Machado
Prof.^a Doutora Leticia Malard
Prof.^a Doutora Rita Marnoto
Dr. José Dias Marques
Prof. Doutor João Francisco Marques
Dra. Teresa Martins Marques
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho
Dra. Inocência Mata
Prof.^a Doutora Maria Vitalina Leal de
Matos
Prof. Doutor Walter de Medeiros
Dra. Cléa Mello
Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo
Dr. Pedro Mexia
Prof.^a Doutora Dulce Mindlin
Dr. José Américo Miranda
Dr. Ângelo Monteiro
Prof.^a Doutora Ofélia Paiva Monteiro
Prof.^a Doutora Fátima Freitas Morna
Dra. Isabel Morujão
Prof.^a Doutora M. Terezinha M. do
Nascimento
Dr. Marildo Nercolini
Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto
Prof.^a Doutora Leonor Curado Neves
Dra. Margarida Braga Neves
Dra. Lucila Nogueira
Dr. Fernando Matos Oliveira
Dr. José Manuel de Oliveira
Prof.^a Doutora Sylvia Paixão
Dra. Rita Patrício
Prof. Doutor José de Almeida Pavão
Prof.^a Doutora Célia Moraes Rego
Pedrosa
Prof.^a Doutora Níobe Abreu Peixoto
Prof. Doutor Silvano Peloso
Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira
Prof.^a Doutora Maria Helena Rocha
Pereira
Dr. Paulo J. Silva Pereira
Prof.^a Doutora Ana Maria Clark Peres
Prof. Doutor António Júlio Costa Pimpão
Prof. Doutor Sebastião Tavares de Pinho
Prof. Doutor António Manuel B.
Machado Pires
Dr. José Alves Pires

Prof.^a Doutora Maria Lucília Gonçalves
Pires
Prof. Doutor António Pedro Pita
Prof. Doutor José Maria da Cruz Pontes
Prof. Doutor Américo Costa Ramalho
Prof. Doutor Adriano de Paula Rabelo
Prof.^a Doutora Maria Irene Ramalho
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo
Prof. Doutor Carlos Reis
Dr. Henrique Pinto Rema
Prof.^a Doutora Beatriz Resende
Prof.^a Doutora Cristina Almeida Ribeiro
Prof.^a Doutora Maria Aparecida Ribeiro
Prof.^a Doutora Clara Rocha
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues
Prof. Doutor Urbano Tavares Rodrigues
Prof. Doutor José Luís Rodríguez
Dr. Henrique Barrilaro Ruas
Prof.^a Doutora Maria das Graças
Moreira de Sá
Dra. Maria de Lurdes Sampaio
Dr. Francisco Santana
Dra. Maria Helena Santana
Prof.^a Doutora Maria Eduarda Borges
dos Santos
Prof. Doutora Maria de Fátima
Marinho Saraiva
Prof. Doutor António Carlos Secchin
Prof.^a Doutora Carmem Lúcia Tindó
Secco
Dra. Celina Silva
Prof.^a Doutora Maria de Fátima Silva
Prof. Doutor Francisco Maciel Silveira
Prof.^a Doutora Angélica Soares
Prof.^a Doutora Valéria Andrade
Souto-Maior
Dr. Hélio Teixeira
Prof. Doutor Ivan Teixeira
Prof. Doutor José Terra
Prof. Doutor Ricardo Thomé
Dra. Helena M. R. A. Costa Toipa
Prof.^a Doutora Marleine Paula
Marcondes e Ferreira de Toledo
Dr. Taborda de Vasconcelos
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga
Dra. Evelina Verdelho
Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
Prof.^a Doutora Regina Zilberman

tugal é um perfeito representante de poeta de corte, quer por seguir a convenção literária da época, quer por participar e colaborar em jogos galantes e torneios poéticos, quando a ele se dirigem ou na qualidade de glosador de trovas.

O recorte estóico e senequiano que impregna a globalidade da sua obra, tanto lírica como sentencial, transparece quando descreve certos acontecimentos, reforçando assim a autoridade moral e ética que detinha na sua época.

As *Sentenças* (Lisboa, 1605) foram publicadas somente 56 anos depois da sua morte pelo neto, D. Henrique de Portugal. Dividem-se em duas grandes partes, compreendendo a primeira as 271 sentenças em prosa e a segunda, as sentenças em verso, que contam 242 quadras em rima encadeada ou cruzada, versando temas respeitantes à vida cortesã.

Assim, pelos seus ditos cheios de agudeza, pela sua prudência, autoridade e bom conselho, era conhecido na época como o «Catão português», segundo o testemunho de Damião de Góis (*Crónica do Príncipe D. João*, cap. 17) e de Garcia de Resende (*Crónica de D. João II e Miscelânea*, cap. LVI).

BIBLIOGRAFIA: Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, Lisboa, 1990-1998; Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Romances Velhos em Portugal*, Porto, 1980; D. Francisco de Portugal, *Sentenças seguidas das suas poesias publicadas no Cancioneiro de Garcia de Resende*, Coimbra, 1905; D. Francisco de Portugal, *Poesias e Sentenças*, Lisboa, 1999; Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, II, Lisboa, pp. 225-227; J. A. Frazão, «D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso», in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, 1993, pp. 283-284.

Manuel Ferro

PORTUGAL (D. Francisco de)

Poeta português (Lisboa, 1585-1662). Fidalgo da casa dos condes de Vimioso, distinguiu-se na corte de Madrid pela sua cultura, agudeza de espírito e qualidades pessoais. Representava o protótipo do poeta galante e cortesão do seu tempo, modelo que reconstitui na *Arte de Galanteria*. Por três vezes serviu nas armadas do Brasil e da Índia às ordens de D. Afonso de Noronha e de D. António

de Ataíde. Participou na reconquista da Baía, contra os holandeses, em 1624. Foi comendador de Fronteira, na Ordem de Avis. Ingressou na vida monástica e professou no Convento de S. Francisco da Cidade, na Ordem Terceira.

Como era vulgar no seu tempo, escreveu em português e em castelhano. Além da sua obra mais conhecida, a *Arte de Galanteria* (Lisboa, 1670), em castelhano, compôs em língua portuguesa *Divinos e Humanos Versos*, dedicados ao príncipe D. Teodósio, e *Prisões e Solturas de uma Alma*, tratado moral publicado juntamente com a obra anterior, em 1652. Além das obras referidas, escreveu em espanhol *Tempestades y batallas de un cuydado ausente*, de 1683. Refira-se que todas as obras de D. Francisco de Portugal foram publicadas postumamente, por diligência de seu filho D. Lucas de Portugal.

Elogiando-o, no *Hospital das Letras*, D. Francisco Manuel de Melo atribuiu-lhe ainda a autoria de um romance de cavalaria, *D. Belindo*, e Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, considera como seus o *Discurso a Ave chamada solitario*, bem como a *Fabula burlesca de Iphis e Anaxarte*. Além disso, foi epistológrafo de mérito, dele se conhecendo 116 cartas dirigidas a contemporâneos, sobretudo a D. Rodrigo da Cunha, ao tempo bispo do Porto, num estilo incisivo, em que predomina uma prosa rápida, frases curtas, termos pitorescos, a par de ditos espirituosos.

A obra lírica é constituída por sonetos, canções, oitavas, romances, redondilhas, sextinas, tercetos e décimas, em que trata à maneira conceptista a tópica amorosa, que retoma da poesia palaciana. Predominam os romances, talvez por serem um dos géneros mais populares na época e serem cantados acompanhados à viola, ou entoados nos estrados das damas. O amor traduz-se numa metafísica da atracção física, em atitudes de adoração, quase de cariz platónico. Não admira, por isso, que daí passe à composição de poemas de carácter místico.

Poeta barroco por excelência, D. F. de P. não podia deixar de extrair da vivência da fugacidade das coisas e dos homens, da meditação sobre a precariedade das glórias, das pompas e das grandezas humanas, uma lição de desengano. Não foge também ao gosto pelo pormenor, de teor marcadamente realista, sobretudo na descrição do vestuário, no retrato da mulher, indicando todas as peças e cores numa actualização hábil e por vezes irónica.

De Góngora imita o estilo, sem cair em excessos, recorrendo ao uso de uma língua pura e elegante, por vezes afectada e conceituosa, como era próprio do gosto da época.

Ainda reuniu um vasto cancionero dos fins do séc. XVI, ao qual Juromenha recorreu para dele extrair muitas composições supostamente inéditas de Camões e de outros poetas daquele período.

BIBLIOGRAFIA: Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, t. II, pp. 230-232; José Maria da Costa e Silva, *Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses*, t. VII, Lisboa, 1854, pp. 35-58; Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa. III: Os Seiscentistas*, Lisboa, 1984, pp. 353-354 (1.ª ed.: Porto, 1914); Carlos Alberto Ferreira, «D. Francisco de Portugal, autor da *Arte de Galanteria*. Poesias, cartas inéditas e outras fontes manuscritas para o estudo da sua vida e obras», in *Biblos*, XXII, 1947, t. I, pp. 13-76, e t. II, pp. 607-673; Jose Ares Montes, *Gongora y la poesia portuguesa del Siglo XVII*, Madrid, 1956, pp. 87-88 e ss.; Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, 1971; André Crabbé Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, 1984, pp. 147-150.

Manuel Ferro

PORTUGAL (José Bernardino Blanc de)

Poeta e crítico musical (Lisboa, 8.3.1914-1999). Licenciado em Ciências Geológicas pela Univ. de Lisboa. Meteorologista, dirigiu centros em Lisboa, Açores, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Desempenhou as funções de subdirector-geral do Serviço Meteorológico Nacional (1960-1973), de adido cultural no Rio de Janeiro e de vice-presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Fundador e co-director dos *Cadernos de Poesia* nas suas três séries. Tem publicações várias de índole científica e na esfera da crítica musical. O critério de es-

colha das diversas traduções que executou (de romances, ensaios e poesia), bem como os prefácios que as acompanham, reflectem um pensamento orientado por uma opção religiosa em que a referência metafísica condiciona todas as dimensões da existência. Esse pensamento é muito idiossincraticamente servido por um discurso marcado pelo *understatement* e pela ironia, configurando uma estratégia de provocação a um leitor sistematicamente desafiado a inteligir dialecticamente, na liberdade de uma reflexão que outrem não pode conduzir por ele, a problemática abordada pelo autor. Neste aspecto, reflexão crítica e produção poética são profundamente unidas, nunca tergiversando em busca do favor de leitores a que pedagogicamente crítica e poesia, construindo-se de referências culturais diversíssimas, exigem uma recepção informada e desassombrada. O pensamento é sempre rigoroso e combativo, norteado por valores bem definidos e arreigados; a sua resistência às conclusões parece pose, de tão insistente, mas de facto decorre de uma atitude polémica, manifesta no título provocatório do seu ensaio *Anticrítico* (1960).

Os seus poemas têm vindo a lume, desde 1940, em publicações como *Cadernos de Poesia*, *Aventura*, *Litoral*, *Tricórnio*, *A Serpente*, *Graal*, *Colóquio-Letras*, entre outras. *Parva Naturalia* (Prémio «Fernando Pessoa» 1959) e *Espaço Prometido* surgem em 1960, integrando textos das décadas de 1940 e 1950; Prémio da Imprensa, *Odes pedestres precedidas de Auto-poética e seguidas de Música Ficta e outros poemas*, é de 1965 (com poemas de 1960 e 1961); *Descompasso*, de 1986 (com poemas da década de 1970) e *Enéadas. 9 novenas*, de 1989 (com poemas datados de 1955 a 1979). Neles se afirma como nota dominante a problemática religiosa, em *Parva Naturalia* num registo dramático e enfático, posteriormente abandonado em benefício de uma contenção combinada com uma deriva coloquial, tornando o discurso seco, terso, modulando o fluir de um pensamento que se busca incorporando sem-